

FORTALEZA-VIVEMOS NA CIDADE E ELA NOS HABITA: UMA RELEITURA DA CIDADE ATRAVÉS DE IMAGENS

TICIANA DE OLIVEIRA ANTUNES (UECE)

LUIS CARLOS SALDANHA RIBEIRO (UECE)

INTRODUÇÃO

A compreensão da temática, a qual nos dispomos a analisar se faz através de abordagens acerca da sociedade em que nos inserimos, que no caso é a sociedade fortalezense, no sentido de captar uma identificação entre o significado de nossas ações no cotidiano e a realidade latente estampada nos elementos simbólicos enraizados no coletivo social do qual fazemos parte. Em análise a respeito deste tema Michel de Certeau observa que o cotidiano é dinamicamente inventado, dessa forma, indo de encontro ao caráter homogeneizante imposto pela padronização observada com a modernidade, dando as pessoas comuns a oportunidade de utilizar a criatividade como elemento impulsionador e transfigurador da realidade, concebendo-as dessa maneira, como verdadeiros agentes históricos, assim, em artigo escrito Antonio Luiz Macêdo e Silva Filho, discorre: *"o cotidiano representa uma dimensão fértil para a reflexão histórica. Nesse interstício social, entre a norma e o vivido, entre a lei e suas transgressões, viceja um território de ações que, simultaneamente, reproduzem as condições materiais e simbólicas da vida em coletividade e permitem um desenvolvimento quase silencioso de astúcias improvisos e atitudes engenhosas e adaptações a circunstâncias adversas."*

Nessa perspectiva, questionamentos que dizem respeito a individualidades acabam abarcando uma percepção de mundo potencialmente ampliada, pois apesar da codificação do mundo exterior se viabilizar de maneira particular a cada indivíduo é possível perceber pontes de ligação, entre estas interpretações, que são as simbologias expressas por imaginários coletivos, explicá-los e compreendê-los *"...é a tentativa de perceber de que modo eles constituem a própria realidade, incluindo o social"* (Cardoso e Malerba, 2000. P. 52-53). Perceber a cidade é encontrar-nos com o passado transformado e recriado em nosso presente, reconhecendo, dessa forma, a nós mesmos. Aqui, o indivíduo comum constrói a realidade, a medida que transforma a própria cidade.

O conluio de mudanças desencadeadas desde o século XIX até nosso momento atual, causam impressões dúbias nos cidadãos. As inovações tecnológicas ocorridas nos últimos tempos proporcionam desde a instantaneidade na comunicação até a desvalorização do humano em detrimento do autômato, apesar de certos aspectos desses avanços causarem fetiche e deslumbramento típicos do consumismo. Em seu livro, *A invenção do cotidiano: artes de fazer*,

Certeau comenta: "... as táticas do consumo [são], engenhosidades do fraco para tirar partido do forte..."

Avanços pós - modernos implicam também, no niilismo do humanizado, reduzindo o indivíduo ao papel de coadjuvante nas relações de força impostas pelo sistema. Adaptando tal discurso à realidade vivida na contemporaneidade da cidade de Fortaleza é notório o fato de sermos levados a desvalorizar o detalhe, as particularidades, que possibilitam realmente a distinção no que diz respeito à identidade de nosso povo, com todas as suas criações originais e resistências, vistas aqui como respostas aos processos homogeneizantes da velocidade do moderno. A rapidez no transitar impossibilita a percepção das formas, ritmos, volumes, cores e sonoridades da paisagem citadina. Esse ritmo perplexo da vida atual tende a suprimir os desejos de reinventar, como também castra o "se reconhecer" através dos marcos simbólicos urbanos (ruas, estátuas, praças). Não conseguimos nem mesmo observar o céu azul da cidade, pois a poluição, o barulho frenético do movimento dos carros e a verticalização gritante dos edifícios barram e desviam nossos olhares. O espaço público, antes visto como ambiente de interação entre os moradores, torna-se apático, vias de passagem, simples "corredores urbanos".

Sabemos que o atual sistema político e econômico no qual se insere a cidade de Fortaleza é comum à realidade de todas as metrópoles brasileiras. A miséria da fome para a maioria é sustento das ostentações de poucos abastados. As injustiças separam cada vez mais as classes, quase castas sociais, possibilitando assim, uma verdadeira onda de explosões de violência, esta compreendida como resposta inconsciente, ou não, dos bandidos que podem ser vistos como algozes e/ou vítimas, porém sempre impondo o medo e fazendo da população suas vítimas: *"Um processo de urbanização sedimentado em truculentas estratégias de exclusão social, acentuadas pela hierarquização dos espaços, advento da multidão empobrecida, concentração de riquezas e privilégios, redundou na afirmação da cidade grande enquanto campo permanente de tensões e conflitos sociais"*.

A utilidade primeira do território cearense foi estratégico-militar, pois servia na defesa contra os invasores da terra recém descoberta. Dando um salto temporal do período colonial até a metrópole fortalezense da atualidade, podemos realizar uma conexão, entre o passado e o presente, no que diz respeito a "formas de violência historicamente constituídas" expressão utilizada pelo historiador Antonio Luiz Macedo e Silva Filho. Nos tempos coloniais, a violência refletia-se nos conflitos entre a defesa armada lusitana, contra os ataques dos indígenas revoltados pela invasão de suas terras, bem como na luta pelos interesses econômicos garantidos pelo Tratado de Tordesilhas. Hoje, estas ações violentas são estampadas nos altos índices de criminalidade, desemprego, miséria. Nesse contexto tem sido lugar comum, na cidade de Fortaleza, a construção de fortalezas, edificadas em forma de condomínios fechados ou *shopping centers*, protegidos por sistemas de

alarme e cercas eletrificadas. Tais ambientes proporcionam ao mesmo tempo paz, por aspirar confiança, bem como angústia pela perseguição dos sistemas de monitoramento eletrônico. Uma sensação dúbia de proteção e cárcere.

Com o desenvolvimento econômico das forças produtivas, ocasionadas pelo aumento da exportação algodoeira no mercado internacional, a capital cearense se destaca na produção e comercialização de produtos têxteis. Esta inédita melhora na economia da cidade, possibilitou sua inserção nas sociedades ditas “civilizadas”, tão em voga naquele período. Isso estimulou a classe enriquecida, política e intelectualmente ativa a viabilizar uma gama de mudanças de cunho urbanístico, alinhando a cidade aos padrões de embelezamento estético difundidos pelas grandes cidades européias. Aqui o poder público se faz reconhecer, através de ações que vão de encontro com as relações sociais nascidas com a interação natural entre os indivíduos, com o intuito de disciplinar a população para adaptá-la às normas de civilidade. Neste período, o centro da cidade passou a ser o orgulho dos governantes e o principal cartão postal da cidade, onde as madames e os mancebos desfilavam com suas requintadas vestimentas. Com o passar do tempo, as ruas centrais tornaram-se ambiente de comercialização de produtos, tanto que as principais lojas e armazéns passaram a se estabelecer ali. Sobre esta nova função do centro, em sua obra, *Fortaleza, Belle Époque: reformas urbanas e controle social(1860 -1930)*, Sebastião Rogério Ponte relata: "*O logradouro manteve sua importância enquanto área de lazer e sociabilidade até os anos 30, quando começou a sofrer concorrência de outras atrações diversionais como o cinema, os clubes e os banhos de mar. Seu esvaziamento completou-se à medida que o centro, daquela década em diante, tornou-se basicamente área comercial, forçando o deslocamento da elite e camadas médias para outras zonas urbanas.*"

É interessante perceber que tal deslocamento diz respeito somente as classes abastardas, pois quando transitamos na madrugada de sábado do centro da cidade percebemos focos de divertida aglomeração dançando, cantando e nesse ritmo, chegando inclusive a ocupar o espaço onde os carros transitam. Ali, onde antes caminhavam madames pudicas hoje, prostitutas estabelecem seu ambiente de trabalho. Além de utilizar o espaço público para tirar o sustento, as pessoas mais humildes, se encontram para momentos de lazer e conversa informal: "*Os segmentos populares ainda mantêm um convívio intenso e diversificado nas praças e calçadas do centro da cidade. Ali são gravadas as marcas de sua presença, transformando os logradouros em locais de trabalho, encontro e lazer nos diferentes horários do dia. Na praça José de Alencar, por exemplo, ambulantes e vendedores de sanduíche estão lado a lado com homens que pregam o evangelho, passantes, engraxates, pedintes, mototaxistas, batedores de carteira, desempregados, policiais, bêbados e artistas de rua (...) inúmeras maneiras de utilizar o espaço, dando-lhes novas significações*"(Filho, Antonio Luiz Macêdo e Silva 2001. P.41)

Um desafio abraçado com a feitura deste trabalho é justamente, através das relações aqui estabelecidas, superar os obstáculos percebidos no processo de sociabilidade cotidiana nas grandes cidades contemporâneas, que as tornam um corpo vazio, sem memória, sonhos, expectativas e desejos.

À época do pós-guerra, o espírito questionador dos teóricos se manifesta num movimento de renovação geral no campo do saber, essa necessidade de mudança possui caráter teórico-epistemológico, abarcando também as ciências humanas. No caso específico da História, novos conceitos de método, objeto e documento se expandem, possibilitando uma interdisciplinaridade entre as ciências. Desde então, uma preocupação com temas simbólicos de dimensão cultural e de imaginário, que enfatizam como os homens constroem mundos significativos, marcam a atual produção historiográfica. Com a ampliação dos domínios historiográficos, os estudiosos vão percebendo que o passado pode ser construído com novas perspectivas, livres da limitação da escrita. Nessa nova ótica, a imagem, dentre outros elementos como a oralidade, por exemplo, passa a ser objeto que testemunha da ação humana, vista dessa forma, como linguagem, já que apreende a realidade: *...as imagens podem apontar ...aquilo que nelas discursa sobre um determinado fenômeno histórico...* (Nova, Cristiane 2000 P. 145).

Antenados com estas novas possibilidades que a História nos fornece, nós futuros historiadores, nos dispomos a viabilizar esta pesquisa, interpretando fragmentos imagéticos da nossa cidade, através de coleta realizada no Museu da Imagem e do Som do Ceará, em ilustrações de livros e no nosso próprio acervo fotográfico pessoal. Utilizamos tais imagens como fonte primária, para mediar nosso discurso, que foi norteado teoricamente, pela leitura do livro *Fortaleza Imagens da Cidade*, escrito pelo historiador Antonio Luiz Macêdo e Silva Filho, obra que resultou na exposição de mesmo nome, que permaneceu na programação do Museu Histórico do Ceará, durante o ano de 2002. Somando-se a esta, outras obras foram utilizadas para embasamento teórico e metodológico, como livros de autores locais, de referência nacional e universal, artigos de Revista especializadas em História, livros de artigos produzidos nos últimos três anos e finalmente, artigos coletados na Internet.

Não temos pretensão de conceber nossa cidade em seu todo, complexo e variado, apenas esta é uma tentativa de problematizá-la, para que seja possível uma consciente reflexão crítica acerca dos processos desencadeados numa pesquisa, bem como descobri-la como reflexo de nós mesmos.

Ao expormos o seguinte trabalho, temos a intenção de apresentar uma possibilidade de identificação com a realidade de qualquer cidade brasileira, a partir de uma realidade específica, no caso Fortaleza, com seus dramas e "modernidades".

Ao confrontarmos imagens almejamos incitar no apreciador a conscientização que o mesmo faz parte da realidade exposta, que participa como agente histórico de seu tempo, dentro da sua cidade, lembrando o que o historiador Antonio Luiz Macêdo e Silva Filho: "VIVEMOS NA CIDADE, CONTUDO, E A UM SÓ TEMPO, ELA TAMBÉM HABITA EM NÓS"

Através da interpretação e análise deste painel, o apreciador será convidado a ter um novo olhar à sua cidade, não um olhar saudosista, mas um olhar consciente que abarca tanto os problemas sociais, econômicos e políticos que configura a lógica da sociedade em que vivemos, como também a beleza e as características de sua gente, que se relaciona de maneira direta e indireta para a construção de uma identidade forte e ao mesmo tempo rica em diversidades, que a identidade do povo brasileiro.

Bibliografia Utilizada

1. Filho, Antonio Luiz Macêdo e Silva (2001). *Fortaleza Imagens da Cidade*. Fortaleza: Coleções Outras Histórias. Museu do Ceará.
2. Heartney, Eleonor. "Críticos do Mercado" In: D. Borges, Ana Luiza (Trad.). *Pós-Modernismo*. São Paulo: Cosac & Naify.
3. Jucá, Gisafran Mota (2002). *Verso e Reverso do Perfil Urbano de Fortaleza*. (2ª ed.). Fortaleza: Lotus.
4. Neves, Frederico de Castro & Souza, Simone de. (Orgs.) (2002). *Comportamento*. Fortaleza: Coleções Fortaleza: História e Cotidiano. Fundação Demócrito Rocha.
5. Nova, Cristiane (2000). *A "História" Diante dos Desafios Imagéticos*. In: *Projeto História - História e Imagem*. São Paulo: Ed. PUC, n° 21.
6. Oliveira, Gledson Ribeiro de (2003). "História e Cinema: Mercadoria Visual, Historiador-Consumidor e o Sujeito Historiador " In: Junior, Antonio Germano Magalhães & Vasconcelos, José Gerardo (2003). *Linguagens da História*. Fortaleza: Imprece.
7. Ponte, Sebastião Rogério (1999). *Fortaleza, Belle Époque: reformas urbanas e controle social (1860-1930)*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha.
8. Saliba, Elias Thomé (1996). "Historiografia e Novas Tendências da História" In: *Revista Catarinense de História*. Florianópolis: Insular.
9. Souza, Simone (Coord.) (1994). *História do Ceará*. (2ª ed). Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha.